



Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

Instituto de Humanidades - IH

Curso de Bacharelado em Humanidades - BHU

GEYSE ANNE SOUZA DA SILVA

**MOVIMENTO NEGRO CEARENSE: FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE
NEGRA A PARTIR DE AÇÕES EDUCATIVAS ANTIRRACISTAS EM
FORTALEZA-CE**

**REDENÇÃO – CEARÁ
2020**

GEYSE ANNE SOUZA DA SILVA

**MOVIMENTO NEGRO CEARENSE: FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE
NEGRA A PARTIR DE AÇÕES EDUCATIVAS ANTIRRACISTAS EM
FORTALEZA-CE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito final para obtenção do título de Bacharela em Humanidades sob orientação da Profa. Dra. Jacqueline da Silva Costa e coorientação da Profa. Dra. Eliane Costa Santos

**REDENÇÃO – CEARÁ
2020**

GEYSE ANNE SOUZA DA SILVA

**MOVIMENTO NEGRO CEARENSE: FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE
NEGRA A PARTIR DE AÇÕES EDUCATIVAS ANTIRRACISTAS EM
FORTALEZA-CE**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Jacqueline da Silva Costa (Orientadora)
(UNILAB/Ceará)

Profa. Dra. Eliane Costa Santos (Coorientadora)
(UNILAB/Bahia)

Prof. Dr. Alex Ratts (Examinador externo)
(UFG)

Profa. Dra. Joanice Santos Conceição (Examinadora Interna)
(UNILAB/Ceará)

RESUMO

O presente projeto é uma proposta de pesquisa cujo objetivo é investigar a contribuição do movimento negro cearense, através de suas práticas educadoras efetivas, na construção da resistência antirracista no âmbito da cidade Fortaleza, de modo também que possa ser observado o impacto no processo de afirmação da identidade da população negra em Fortaleza. Para tanto, a pesquisa se propõe pensar a partir de contornos Decoloniais e Pós-coloniais cuja abordagem será qualitativa através do uso de entrevistas semiestruturadas com militantes do movimento negro a fim de registrar a trajetória desses sujeitos, bem como a metodologia Pesquisa Afrodescendente para compreender como o movimento negro pode ser entendido como educador em Fortaleza e formador de opinião na afirmação da identidade negra.

Palavras-chave: movimento negro – educação – identidade negra - antirracismo

*“Até que os leões tenham seus próprios historiadores,
as histórias de caça sempre glorificarão o caçador”.*
Provérbio africano da Nigéria

AGRADECIMENTOS

À Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-brasileira que em 2020 completa 10 anos de resistência acadêmica no Ceará e na Bahia e que a cada semestre forma intelectuais para as mais diversas áreas, minha gratidão. E que me presenteou com grandes amizades, por isso dedico esse trabalho à Banuma Pinto, Eliaquim da Silva Gonçalves, Emílio dos Santos Fernandes Júnior e Antônio Gustavo de Araújo Souza.

Agradeço a existência de minha mãe Euda Maria do Nascimento Souza e meu pai Francisco Clemilton Lima da Silva, às minhas irmãs Ana Gleyce Souza da Silva e Ana Ingryd Souza da Silva, os cunhados Carlos André Ricardo de Sousa e Joilson Rocha, aos meus sobrinhos Carlos Eduardo da Silva Sousa, Ezequiel de Sousa Pinheiro e a mais nova membro da família Ana Lis da Silva Sousa. Amo tanto vocês, minha família! Em nome delas e deles agradeço também aos meus avós maternos e paternos (*in memoria*), tias, primas e primos. Sei que não sou tão presente, mas vocês sabem que sempre estou à disposição quando mais precisar.

Agradeço às minhas professoras que são minhas referências, amigas e irmãs.

Primeiro à minha orientadora Dr^a Jacqueline Costa que esteve comigo em todos os momentos dessa escrita, na qual me sinto tão representada na acadêmica, política e vida. Sua força me inspira!

À Dr^a Eliane Costa que ilumina e enche de alegria todos os espaços por onde anda com sua voz e energia. Nesse momento pandêmico que atravessamos, suas palavras no 4º julho das Pretas na UNILAB com a seguinte frase "Que sejamos mulheres com vida", ficará marcada por toda a minha existência.

À Dr^a Carol Bernardo, que nem consigo expressar em palavras o amor que sinto por ela. Uma irmã presente na minha vida e que tenho a confiança de falar os meus maiores e menos segredos.

À Dr^a Joalice Conceição, por nunca desistir de mim e por me ensinar muito. Sua presença preta me inspira. Sua escrita é potente.

Ao Dr. Alex Ratts, minha admiração por me incentivar com sua escrita potente e gratidão por aceitar comigo nesse momento muito especial da minha vida.

Agradeço à todos e todas professoras da UNILAB que tenho a honra de aprender: Dr^a Vera Rodrigues, Dr^a Rosalina Tavares, Dr^a Joanice Conceição, Dr^a Luana Antunes, Dr^a Rosângela Ribeiro, Dr^a Daniele Ellery, Dr^a Joana D'Arc, Dr^a Lívia Paulia, Dr^a Luma Andrade, Dr. Lourenço Cardoso, Dr. Eduardo Machado, Dr. Leandro Proença, Dr. Segone Cossa, Dr. Ricardinho Jacinto, Dr. Patrício Carneiro e Dr. Linconly Jesus em nome desses dedico minha gratidão aos quadros de doutoras e doutores que dedicam sua vida pelo projeto UNILAB.

Agradeço às estrelas por amizades verdadeiras que são como dádivas, seres que sempre perturbo com besteiras e coisas sérias, que me salvam e que eu salvo também (rs) e que mesmo distante as vezes, estamos juntas e juntos que são Rita de Cássia, Maria Sandy, Genilda Gomes, Djulivam Oliveira, Francisco Nonato, Samara Andrade, Ana Eugenia, Wladia Fernandes, Antonia Araujo, Raquel Viana, Ana Barros, Amanda Braga, Samara Stephanie, Bruna Raquel, Antonio William, Orleandro Holanda, Diego Soares, Kelvin Cavalcante, Matheus Maciel e Marcelo Tourinho.

E vocês acharam que eu não ia falar de política? Achou errado.

Agradeço de corpo e alma ao Movimento Negro Brasileiro por anos e anos de luta e resistência. Espaço que mais aprendi na vida e que ainda tenho muito à aprender, espaço que me fortalece, onde encontro as respostas das mais profundas indagações pessoais e sociais. Dedico essa contribuição à Sula Silva (*in memoria*), Gabriel Silva, Joelma Gentil, Luizete Vicente, Ieda Leal, Edmilton Siqueira, Kim Lopes, Lucas Matheus, Veronica Neves e Valéria Neves.

Vida longa ao Coletivo Nacional de Juventude Negra - ENEGRECER e ao Movimento Negro Unificado. Viva o Movimento Negro!

Agradeço ao grupo político que desde 2011 faço parte, a Democracia Socialista, tendência interna do Partido das e dos Trabalhadores pela acolhida que muitos dirigentes tiveram e têm na minha formação política. Esse é o nosso caso de amor que mais deu certo. Agradeço em nome de Eliseu Rodrigues (*in memoria*), Waldemir Catanho, Martí Silva, Raimundo Ângelo, Luizianne Lins, Afonso Tiago, Claudia Silva, Liduina Batya, Mariana Lacerda, Mário Magno, seu Raimundo por cuidar da nossa sede e Liliane Oliveira.

Agradeço por estar viva com saúde, feliz, disposta para os desafios que a vida tem para mim. Agradeço a todas e todos que torceram que esse dia seria possível, pois até minha família não acreditou (rs). Imagine, a Geyse, a mais danada da sala no ensino fundamental, que nunca quis

saber de estudar, sempre passou na média e agora apresentou um projeto de pesquisa fruto da experiência do movimento negro. Com todo amor esse projeto é pra vocês!

Ah, agradeço às minhas candidatas por entender a importância de finalizar essa etapa da minha vida acadêmica no meio de uma campanha eleitoral. Ana Eugenia (Quixadá - CE), Sieuda Sousa e Elmano (Caucaia - CE), Martír Silva e Luizianne (Fortaleza - CE), Mazéh Silva (Cáceres - MT), Taciane Faustino (Cáceres - MT) e Pedrinho do Sindicato (Cáceres - MT), a vitória é nossa!

Fé na luta, venceremos!

SUMÁRIO

1. Introdução.....	01
2. Delimitação do tema.....	03
2.1 Problema da pesquisa.....	05
3. Objetivos.....	06
3.1 Geral.....	06
3.2 Específicos.....	06
4. Justificativa.....	07
5. Metodologia da pesquisa.....	09
6. Discussão teórica.....	10
6.1 Movimento negro: uma breve contextualização.....	11
6.2 Movimento negro cearense.....	13
6.3 Unilab: a universidade “preta” potência do brasil e dos PALOP.....	14
7. Cronograma de trabalho.....	15
8. Referências Bibliográficas.....	16

1. INTRODUÇÃO

“Licença as mais velhas e aos mais novos”

Este trabalho, inserido nas práticas de pesquisa do curso de Bacharelado em Humanidades - BHU, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB, busca investigar como ações antirracistas vem sendo desenvolvidas mediante a atuação organizada de mulheres e homens no Movimento Negro através de determinadas ações educativas, tem contribuído para o processo de politização, desalienação e fortalecimento da identidade negra enquanto força política.

O movimento negro enquanto movimento social, escolhido aqui como objeto a ser investigado, é diverso, plural e coletivo, mas também, tem em sua essência a potência de reconstrutora de laços ancestrais que se estabelece no reconhecimento e na valorização de uma identidade negra. Porém, não se pode esquecer de sua notória ação como formulador de políticas públicas que orquestraram a modo nacional as ações de combate ao racismo mais significativas. Assim, como aponta a pesquisadora e ex-ministra da Igualdade Racial, Nilma Lino Gomes (2017), esse chamado movimento educador, objeto de nossa pesquisa, questiona e apresenta novos enunciados e significados, além de fazer desafiar-se a ser um elo coesivo dessas narrativas para a reconstrução de uma história oficial *outra* do Brasil.

A elite branca cearense, assegurada institucionalmente pelo discurso da Democracia Racial, formulou negações sobre a presença de negras e negros, promoveu e financiou um apagamento histórico e cultural da população negra no estado do Ceará, tendo graves consequências, como, por exemplo, a dispersão da identidade negra no Ceará através de ações do estado.

Por tudo isso, o (re)surgimento do movimento negro cearense na década de 1980, após o regime da ditadura militar, enquanto organização política (maracatus e afoxés, grupos de pesquisa e extensão, coletivos nas periferias e de mulheres negras) tem ressignificado e dado visibilidade à presença da negrada na cultura, na produção acadêmica, nos quilombos e nos territórios negros do interior do estado.

Há quarenta anos este movimento vem desenvolvendo ações educativas, antirracistas, e promovendo mudanças históricas, identitárias, simbólicas e políticas na sociedade fortalezense até os dias de hoje. Desse modo, conhecer e compreender as ações desenvolvidas e as mudanças promovidas para o fortalecimento da identidade racial da população negra em

Fortaleza são intenções desta investigação, pois no atual contexto de criminalização dos movimentos sociais e acirramento das tensões raciais, faz-se necessário mostrar o quanto que a atuação organizada da população negra educa a sociedade fortalezense.

2. DELIMITAÇÃO DO TEMA

Ao considerar, o movimento negro enquanto movimento social constituído por pessoas negras que se organizam na luta pela superação das desigualdades raciais e do racismo na sociedade brasileira, encaminhamos esta pesquisa a considerá-lo como um movimento plural e diverso, seja em questão de gênero, geração e classe social já que o racismo atinge todas as pessoas negras. O movimento negro possui dinâmica e atuação própria e podemos encontrar organizações e grupos em todos os estados do Brasil.

Como aponta Gomes (2012), o movimento negro possui ambiguidades, vive disputas internas e também constrói consensos importantes para a afirmação e consolidação do valor da identidade e da ação dos cidadãos negros na história recente do Brasil assim como no caso do notório resgate da memória de um herói negro, a saber, Zumbi dos Palmares, na fixação de uma data nacional, como na consolidação do dia 20 de novembro, do mês da consciência negra, na consolidação de leis como 10.639/2010 etc.

Deve-se considerar ainda que, após a *III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata*, realizada entre os dias 31 de agosto a 8 de setembro de 2001, em Durban – África do Sul, a qual compreendemos como notório fruto das reivindicações do movimento negro no mundo. Durban, foi um momento importante para impulsionar as políticas públicas para a igualdade racial, a partir daí elas foram sendo gestadas e implementadas em âmbito nacional, bem como a criação da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial em 2003, no primeiro ano de gestão do presidente Luiz Inácio da Silva.

Nesse sentido, busca-se com esta pesquisa evidenciar o aumento significativo da auto identificação de indivíduos negros nas pesquisas censitárias do governo, a saber os dados do IBGE (2019), considerar a efetiva intervenção como agente educador do movimento negro brasileiro, através das ações que analisaremos impetradas no âmbito do Ceará, contribuíram para a construção e fortalecimento de uma identidade negra valorada na diferenciação da cultura branca potencialmente monopolizadora de discursos e enunciados que se revezam na sociedade como um todo.

Para esta pesquisa, de fato, a formação dos quilombos e a resistência das religiões de matriz africana devem ser consideradas como as primeiras atuações do movimento negro, pois o objetivo era resistir ao sistema escravocrata e fortalecer a identidade negra enquanto povo.

Tendo como marca central desse movimento social, a denúncia da violação de direitos que marginaliza pessoas negras, a cultura negra e a não visibilidade da produção de conhecimento.

Ao afirmar a identidade negra nos diversos aspectos sociais, seja na cultura, educação e economia, o movimento negro politizou o termo raça como construção social e segundo Gomes (2017) ele reeduca e emancipa a sociedade, a si próprio e ao Estado, produzindo novos conhecimentos e entendimentos sobre as relações étnico-raciais. Bem como aponta o racismo como estrutural e estruturante em nossa sociedade.

Neste sentido, a pesquisa pretende investigar e destacar a contribuição das ações do movimento negro enquanto educador no fortalecimento da identidade negra em Fortaleza.

2.1 PROBLEMA DA PESQUISA

Esta pesquisa busca investigar a atuação do movimento negro em Fortaleza para compreender quais as ações e políticas públicas contribuíram de modo a evidenciar a atuação educadora do movimento negro e que vem consolidando, ao longo dos anos, uma identidade da negritude em diferentes lugares (cultura, academia, política) numa cidade como Fortaleza, que na história oficial construiu uma narrativa de modo a levar a um apagamento e invisibilidade dos sujeitos negros dentro da sociedade.

Diante do exposto, formula-se como problema principal desta pesquisa, compreender as ações educadoras do movimento negro em Fortaleza como agente formador de opinião na afirmação da identidade negra.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivos Gerais

Através de pesquisa qualitativa embasada nas chamadas Teorias Críticas Raciais e nos postulados de teóricos (as) brasileiros (as) do campo dos estudos das Relações Raciais, investigar a contribuição do movimento negro cearense, através de suas práticas educadoras efetivas, na construção da resistência antirracista no âmbito da cidade Fortaleza, como fundamentalmente importantes no processo de afirmação da identidade da população negra em Fortaleza, capital do estado do Ceará.

3.2 Objetivos específicos

- a) Compreender quais os saberes produzidos pelo movimento negro;
- b) Mapear a existência do movimento negro contemporâneo em Fortaleza;
- c) Analisar a contribuição do movimento negro na cultura, educação e na política na busca da afirmação da presença negra fortalezense.

4. JUSTIFICATIVA

Através do reconhecimento do protagonismo de homens e mulheres negras que lutaram contra a escravidão e, ao longo dos séculos, contribuíram com o desenvolver de uma história do Ceará constituída no apagamento programático de figuras negras de relevância e peso, como Chico da Matilde¹, esta pesquisa busca questionar a narrativa de negação da presença negra no Ceará - instituída como integrante pelo aspecto da atuação organizada do movimento negro que no decorrer dos anos construiu ações de fortalecimento da identidade negra em especial em Fortaleza.

No entanto, depois desse episódio o que podemos perceber foram as diversas tentativas de apagamento da população negra no Ceará. Algo que foi fortemente combatido por estudiosos e militantes do movimento negro. Diante disso, as ações de visibilidade da população negra emitida pelo Seminário “Negrada Negada”, a fundação do MNU no Ceará, a criação da Coordenadoria Especial de Promoção da Igualdade Racial com um leque de política públicas de igualdade racial contribuíram para contrariar essa negação.

Algo que podemos constatar também a partir dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC/2019) em que a população negra no Ceará representa 72% da população. Em comparação com o PNADC de 2012 que eram 69,2% entre negros e pardos.

Nossos passos vêm de longe, fruto da resistência de mulheres e homens que reafirmaram que a presença negra é massiva e que foram necessárias muitas ações do movimento negro nos mais diversos lugares de atuação para desconstruir a história oficial.

Portanto, o objetivo principal da pesquisa é investigar a contribuição do movimento negro cearense, suas práticas e resistências antirracistas, enquanto educador no processo de afirmação da presença negra no Ceará.

O tema da pesquisa escolhido por mim tem uma ligação afetiva e política com a minha atuação no movimento negro, pois esse espaço me educou e me fez perceber a grandiosidade que o pertencimento racial pode fazer na vida de uma mulher negra. A importância da educação na vida da população negra como forma de libertação, força política e ascensão social mostra

¹ O Chico da Matilde, como era conhecido desde pequeno, junto com outros jangadeiros fecharam o Porto de Fortaleza e não deixaram os navios negreiros desembarcar, tal ato virou símbolo de resistência, assim, através do protagonismo negro, o Estado do Ceará se tornou referência por ter sido a primeira cidade a abolir a escravatura no dia 25 de março de 1884, isso 4 anos antes da Lei Áurea.

o quanto a luta de nossas ancestrais foram essenciais para que eu pudesse percorrer esse caminho.

Iniciei minha militância nas lutas sociais sem nenhuma percepção sobre minha identidade racial, posto que não tive nenhuma influência na escola, família ou na sociedade sobre essa questão. E com os debates, principalmente sobre educação, o papel da escola e o racismo que acontece dentro dela, fui percebendo as situações racistas que passei e que até então não tinha me dado conta. A que mais me marcou enquanto criança negra era o tratamento por parte de professoras com as poucas contribuições que tentei apresentar em sala de aula, pois eu representava o perfil das crianças ditas “sem futuro” pelo olhar da sociedade.

E foram com as ações antirracistas que participei que me percebi, me entendi, me revoltei e que me deram motivos para me organizar no movimento negro. Ações essas que, com leituras e diálogos, me levaram a palestrar nas escolas sobre identidade negra no ápice do debate das cotas raciais. Esse momento ficou marcado na minha trajetória, onde tive que construir estratégias narrativas e de afirmação da identidade negra com estudantes secundaristas que seriam beneficiados pelas cotas.

Hoje como cotista e estudante da UNILAB tenho a oportunidade de investigar essa história pelo meu olhar, pelo meu lugar de experiência, porém sei que muitos jovens negros seguem não tendo essa oportunidade de continuar os estudos, pois entrar numa universidade ou até mesmo conseguir um emprego ainda é uma barreira a ser derrubada por negras e negros.

5. METODOLOGIA DA PESQUISA

O presente projeto de pesquisa terá contornos Decoloniais e Pós-Coloniais. Bem como referenciais teóricos de autoras (es) como Frantz Fanon, Nilma Gomes, Kabengele Munanga, Anibal Quijano, Stuart Hall, Alex Ratts, Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Ana Eugênia, escritoras e escritores que li ao longo da minha passagem pelo Curso de Bacharelado em Humanidades (BHU) e no curso de Pedagogia com minhas professoras Pretas, Eliane Costa, Carol Bernardo, Rosângela Ribeiro e Jacqueline Costa, minha orientadora. Para mim, são autoras (es) que representam o cânone de intelectuais potente e antirracista clássico e contemporâneo.

A pesquisa terá cunho qualitativo, assim como propõe Chizzotti (2010), de que, “a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objeto e a subjetividade do sujeito” (CHIZZOTTI, 2010, pág. 79).

Segundo Gonzalez (1982, pág. 18) falar de Movimento Negro implica no tratamento de um tema cuja complexidade, dada a multiplicidade de suas variantes, não permite uma visão unitária. Portanto, a partir do método qualitativo poderá ser feita uma análise dos dados obtidos durante a pesquisa e assim compreender e entender como que o movimento negro educador contribui para a afirmação da identidade negra em Fortaleza.

Para a coleta de dados usaremos as seguintes ferramentas de pesquisa: entrevistas estruturadas e semiestruturadas, grupo focal, com militantes do movimento negro a fim de registrar a trajetória desses sujeitos. Além disso, faremos análise documental, usaremos notícias de sites, matérias de jornais e documentos do arquivo público de Fortaleza.

No caminho metodológico da pesquisa buscará seguir a Metodologia “Afrodescendente de Pesquisa”, formulada pelo intelectual Cunha Júnior. Para este autor, o pesquisador, a pesquisadora se reconhecem na pesquisa, também como se modifica durante a pesquisa por conta dos novos conhecimentos. (CUNHA JR., 2006)

6. DISCUSSÃO TEÓRICA

A identidade negra é um conjunto de elementos genéticos, culturais e políticos que formam este grupo étnico. O conceito de identidade em si, é mutável e atemporal nas sociedades que passaram por processo de colonização, as identidades raciais serviram como marcadores de diferenciação e exclusão, como forma de classificar os indivíduos e determinar lugares sociais.

Segundo o intelectual Munanga,

(...) a identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos etc. (MUNANGA 1994, p. 177-178)

No caso do Brasil, a identidade negra aparece como um contraponto ao racismo que excluiu as contribuições econômicas, culturais e políticas da população africana e, posteriormente, afro-brasileira na constituição da nação brasileira. O racismo é uma ideologia que faz os indivíduos, que julgam o outro diferente, tem medo de ser semelhante ao outro, assim criam classificações e divisões sociocracias. Segundo Hasenbalg (1982, pág 69), o racismo, cuja essência reside na negação total ou parcial da humanidade do negro e outros não-brancos, constituiu a justificativa para exercer o domínio sobre os povos de cor.

Ao mesmo tempo que essa classificação do outro como forma de dominação, faz com que o dominado crie estratégias de resistências, por consequência a ressignificação de termos, histórias para se afirmar enquanto ser político de direitos. Assim nos afirma Jurema Werneck quando fala sobre as mulheres negras:

Assim, é possível imaginar que se não houvesse um movimento de colonização com força econômica, política e cultural amparado num racismo baseado na cor da pele e na deslegitimação e negatização dos significados e significantes relacionados à África em sua heterogeneidade ou singularidade. Se não fosse uma dominação apoiada em esquemas patriarcais heterossexistas e em condições de extrema exclusão. Se a resistência a estes cenários não fosse um imperativo de sobrevivência, talvez não houvesse mulheres negras (e, é claro, não apenas nós). (WERNECK, 2000, pag. 10)

Por essa razão, as elites econômicas financiaram academicamente o projeto de miscigenação da sociedade brasileira, visto que a população negra era numericamente maioria e poderia se rebelar contra a estrutura racista e patriarcal. Sendo assim, foi criado o mito das

três raças fundadora da nação brasileira para criar uma imagem de harmonia entre brancos, negros e indígenas, ao colocar o branco como o elemento chave dessa harmonia.

Outra teoria para sustentar a miscigenação foi a democracia racial que combinada com o “mito das três raças” formam o par (im)perfeito da alienação da sociedade brasileira que tem Gilberto Freyre como principal formulador, pois alimenta o senso comum e tem como aliado a política, meios de comunicação e a educação para afirmar que não existe diferença entre negros e branco.

Para Gonzalez (1982, pág 54) a *ideologia do branqueamento* consiste no fato de os aparelhos ideológicos (família, escola, igreja, meios de comunicação etc.) veiculam valores que, juntamente com o mito da democracia racial, apontam para uma suposta superioridade racial e cultura branca.

Como destaca Alex Ratts, a conhecida “fábula das três raças” ou o “mito da democracia racial” tem versões regionais (RATTS: 2011). Uma vez que, cada região do Brasil carrega em si sua particularidade.

No Ceará, Raimundo Girão, um historiador de fama alargada, tem uma forte narrativa que faz dos colonizadores heróis por “salvar” este território dos “selvagens” e “sem almas” e ainda comemora o extermínio e a migração dos indígenas. Outra afirmação bastante difundida por este historiador é da teoria da “quase ausência de negro” no estado do Ceará. (GIRÃO, 1971).

A negação da presença negra no Ceará foi uma decisão política e geográfica como ferramenta de dispersão e controle social da identidade cearense, pois se não existe negros no Ceará como justificar a necessidade uma identidade negra cearense e à formulação de políticas públicas de reparação.

6.1 - Movimento Negro: uma breve contextualização

O Movimento Negro Brasileiro nasce da indignação com a situação em que a população negra vivia no Brasil e por meio dessa articulação cria novos significados, enunciados na luta por direitos, sobretudo o direito de existência.

O movimento negro enquanto movimento social, escolhido aqui como objeto a ser investigado, diverso, plural e coletivo, construtor de laços ancestrais e formulador de políticas públicas de combate ao racismo, é, como Gomes (2017) aponta um movimento educador:

Enquanto sujeito político, esse movimento produz discursos, reordena enunciados, nomeia aspirações difusas ou as articula, possibilitando aos indivíduos que dele fazem parte reconhecerem-se nesses novos significados. Abre-se espaço para interpretações antagônicas, nomeação de conflitos, mudança no sentido das palavras e das práticas, instaurando novos significados e novas ações. (Gomes, 2017, pg. 20)

No artigo intitulado “Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos”, Petrônio Domingues analisa a história do MN em quatro fases. Na Primeira República ao Estado Novo ele mapeia as formas de resistência nos pós abolição como os clubes recreativos, a imprensa negra que cumpriu um papel importantíssimo no incentivo à leitura bem como na produção de informações em benefício à população negra e a Frente Negra Brasileira, uma das entidades do MN mais prestigiada por sua atuação na formação social e escolar da época. A FNB foi responsável pela alfabetização de mulheres e homens negros, as Rosas Negras organizavam bailes e desfiles para valorizar a beleza negra, além disso, a entidade mantinha o jornal A Voz da Raça.

A segunda fase é da segunda república à ditadura militar e é marcada pela organização do Teatro Experimental do Negro, fundado em 1944 e segundo Domingues (2007) a proposta original era formar um grupo teatral constituído apenas por atores negros, mas progressivamente o TEN adquiriu um caráter mais amplo. O TEN ficou ativo até Abdias do Nascimento partir para o exílio nos Estados Unidos em 1968 sendo responsável para a alfabetização e formação política de negras e negros.

A terceira fase é marcada pelas consequências da ditadura militar que desarticulou os movimentos sociais, além de cristalizar ainda mais a negação do racismo no Brasil. Nesse momento é que nasce o Movimento Negro Unificado em São Paulo e o Coletivo Palmares em Porto Alegre que questionava a comemoração do 13 de maio e tinha a proposta de data comemorativa para dia 20 de novembro, aniversário de morte de Zumbi dos Palmares.

Domingues (2007), cita nesse artigo o quanto a influência das independências nos países de língua portuguesa situadas no continente africano foram importante para a rearticulação do movimento negro, com a realização de atos de rua, denuncia da violência policial, junto a pauta “negro no poder” reacendeu a chama revolucionária que a ditadura tentou apagar.

E assim o termo “negro” foi ressignificado e positivado como forma de fortalecer a consciência negra e desarticular o racismo que tentava a todo momento branquear a população negra.

6.2 - Movimento Negro Cearense

Para essa pesquisa foi realizado o estado da arte para entender quais as pesquisas estão sendo realizadas sobre o movimento negro no Ceará. Encontrei nessa busca 7 dissertações e teses na Universidade Federal do Ceará (UFC), da qual destaco os trabalhos de Joelma Gentil do Nascimento, 2012; Luizete Vicente da Silva, 2018 e Antônio Vilamarque Carnaúba de Sousa, 2006.

No banco de dissertações e teses da Universidade Estadual do Ceará (UECE), a busca pelas palavras-chave movimento negro Ceará se encontra 3 trabalhos de Fabiana Teixeira Marques, 2014; Aurélio Nestor da Silva André, 2018 e Drielly Nascimento Holanda, 2019 e com a palavra-chave “negro” foram encontradas 20 dissertações e teses no qual destaco Rosana Marques Lima, 2015 e Luana Ingrid Apolinário de Melo, 2018.

A intelectual e fundadora do Movimento Negro Unificado (MNU) Joelma Gentil, realizou um importante estudo sobre o “Aspectos do movimento negro e de mulheres negras em Fortaleza: olhares sobre a década de oitenta” e nos afirma o seguinte:

A “Negrada negada” é um termo utilizado pelos ativistas para reforçar a presença negra no estado. Concomitantemente à afirmação histórica de sua inexistência, arraigada por suas ideologias, e suas contemporaneidades faziam movimentos negros no interior de sua casa, nas praças, nos bares, nas festas, nas universidades, nas escolas, no carnaval de rua, nas missas, nas ondas do rádio e nas baías de Caboclas Jurema. Tudo se dava através do discurso identitário, das contraposições às solenidades e festejos oficiais, da inserção nos movimentos socioculturais e nos populares. (p. 136)

Nos dias 13, 14 e 15 de maio de 1992, aconteceu o Seminário “Negrada Negada”, que segundo Ratts (2011) foi organizado pelo Fórum de Entidades Negras, composto a partir do Grupo de União e Consciência Negra e dos Agentes de Pastoral Negros, na qual representou um marco na produção acadêmica e no combate ao racismo na UFC, pois foram apresentados artigos e mapeamentos, como por exemplo, de comunidade negras e quilombolas no interior do Ceará, indo de encontro com a história oficial da quase não existência de negros.

Em seguida, nos anos 2000 a partir das ações históricas do Movimento Negro tivemos a aprovação da Lei nº 10.639 que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira, alterando a Lei nº 9.394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação para atender as demandas da população negra. E a luta pela institucionalização das cotas raciais nas universidades públicas. Visto como afirma Nilma Gomes (2011) o movimento negro como “sujeito político” fórmula políticas educacionais para desarticular o racismo presente nas escolas e universidades. Destaco a atuação do Núcleo de

Africanidades Cearense (NACE) da Universidade Federal do Ceará, coordenado pela prof^a Sandra Pettit, pela organização do Memórias de Baobá cuja intenção é mostrar uma diversidade de caminhos teórico-práticos para a implementação da lei 10.639/03, como também a 11.645/09 e que em 2019 ocorreu a 10ª edição com o tema” Didáticas da Ancestralidade e Memórias do Encantamento”.

6.3 – Unilab: a universidade “Preta” potência do Brasil e dos PALOP

Por consequência de governos democráticos e populares entre os anos de 2003 a 2016 as demandas históricas do movimento negro referente a educação foram sendo efetivadas, é caso da construção da Universidade Internacional de Integração da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) campus com sede no Ceará, na cidade de Redenção e um *campi* na Bahia, em São Francisco do Conde.

A Unilab nasce com a missão de proporcionar ensino superior de qualidade em cooperação com Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e regiões interiorizadas do Ceará e da Bahia - Maciço de Baturité e São Francisco do Conde como foi dito acima, formando profissionais para atuar em diversas áreas de conhecimento com a finalidade de contribuir para desenvolvimento regional, de intercâmbio cultural, científico e educacional.

Além disso, a UNILAB tem como base pedagógica uma matriz curricular que respeita as diferenças interculturais, a valorização de teorias afro referenciadas, bem como a defesa dos direitos humanos como valores fundamentais na construção de uma universidade de cooperação sul-sul que segundo Jacqueline da S. Costa (2019) é esse projeto de universidade é resultado concretos é uma demanda antiga do Movimentos Negro.

Assim, podemos compreender que o Movimento Negro é uma grande confluência de lutas, ao ponto que nega a história oficial contada pelas elites, se articula para reivindicar seu espaço na narrativa histórica, trazendo para o todo da sociedade políticas que assegurem direitos, tendo a educação como um dos principais espaços de transformação social.

O fortalecimento das ações antirracistas precisa ser visto como um ato político frente às estruturas racistas e não meramente culturalismo. Pois, o movimento negro como educador, se propõe a construir um marco civilizatório em outros marco de relação social.

7. CRONOGRAMA DE TRABALHO

ETAPAS	ANO							
	2020		2021		2021		2021	
	2º SEM		1º SEM		2º SEM		3º SEM	
1. Revisão bibliográfica		X	X	X				
2. Definição da pesquisa/objetivos			X	X				
3. Elaboração do instrumento de pesquisa/coleta de dados			X	X				
4. Análise e discussão dos dados					X			
5. Elaboração do relatório de pesquisa			X	X				
6. Exame de qualificação						X		
7. Redação final do TCC							X	
8. Defesa							X	
9. Redação de artigos								X

8. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

COSTA, Jacqueline da Silva. **O papel do movimento negro na consolidação de um projeto político-educacional por meio das políticas de ação afirmativas.** N'umbuntu em revista, v.02, p.01 - 20, 2019.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação.** Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

_____. **Movimento Negro e Educação: Resignificando e politizando a raça.** Educ. Soc., Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul.-set. 2012

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

CUNHA JR, Henrique. **Metodologia de Pesquisa Afrodescendente.** Fortaleza, 2006.

MUNANGA, Kabengele. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil. In: SPINK, Mary Jane Paris (Org.) **A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar.** São Paulo: Cortez, 1994

WERNECK, Jurema. **Mulheres Negras: um Olhar sobre as Lutas Sociais e as Políticas Públicas no Brasil.** 2000.

RATTS, Alex. **O negro no Ceará (ou o Ceará negro).** Artefatos da Cultura Negra no Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2011

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos.** Tempo [online]. 2007, vol.12, n.23, pp.100-122.

SILVA, J. da; LIMA, I. C.; PETIT, S. H. **Memórias organizativas do movimento negro cearense: algumas perspectivas e olhares das mulheres militantes, na década de oitenta.** 2012. Dissertação (Mestrado em Pós-graduação em Educação) - Universidade Federal do Ceará.